

COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA AGRICULTURA PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2008¹

Sueli Alves Moreira Souza²
José Sidnei Gonçalves³

1 - INTRODUÇÃO

A agricultura brasileira transformou-se nas últimas décadas numa realidade em que a fronteira de expansão agropecuária, após o esgotamento das possibilidades em terras paulistas e nas Unidades da Federação sulistas, deslocou-se para os cerrados do Brasil Central. Esse movimento associado à histórica inserção setorial no mercado internacional, tendo em vista que já nasceu com essa peculiaridade (FURTADO, 1989), deu-se de forma concomitante com o aprofundamento do processo de industrialização setorial (GONÇALVES, 2005a), como resultante do esforço de internalizar o padrão produtivo da denominada 2ª Revolução Industrial (CANO, 1993).

A agricultura industrializada tem a especialização regional como característica marcante. Isso porque a construção da agroindústria - e também da moderna logística de comercialização, armazenamento e transporte de produtos básicos - implica a determinação da ocupação do entorno (GONÇALVES, 2005b). Trata-se de obter ganhos em escala com o que não apenas os tamanhos das lavouras se ampliam com a intensificação da mecanização do processo produtivo - que nos anos 1970 havia se limitado ao preparo do solo e plantio e dos anos 1990 em diante atinge a colheita completando o processo (STADUTO; SIKIDA; BACHA, 2004)-, como também pela ampliação da capacidade das plantas processadoras.

Esses dois movimentos - de maiores tamanhos de lavouras e de plantas agroindustriais, necessariamente, implicam que nessas vastas áreas do entorno dessas unidades de processamento (e/ou beneficiamento) ocorram in-

tenso processo de especialização produtiva. Como esse movimento acaba por determinar similar movimento em todo o espectro da agricultura regional, forma-se a especialização regional como uma característica inerente ao padrão agrário em expansão (GONÇALVES et al., 2006). Aliás, a concentração regional já havia sido detectada como um dos condicionantes da produtividade da pesquisa agropecuária brasileira (PASTORE et al., 1986), ou seja, um elemento fundamental do processo de inovação setorial.

Na agropecuária paulista esse movimento de especialização regional se mostra nítido com a produção de cana para indústria que da origem no eixo Campinas-Ribeirão Preto desloca-se sentido oeste na trilha das áreas lindeiras do rio Tietê; o feijão se localizou no sudoeste paulista; a banana no Vale do Ribeira; as lavouras florestais (pinus e eucaliptus) nos contrafortes da Serra de Paranapiacaba; e a laranja primeiramente em Bebedouro e mais recentemente no eixo da Rodovia Castelo Branco. Enfim, na agropecuária paulista a especialização regional constituiu-se numa marca da estrutura setorial (OJIMA; GONÇALVES, 2006). Para os grandes grupos de mercadorias esse fenômeno conforma especificidades a toda agricultura brasileira, formando dinâmicas setoriais peculiares em função das distintas inserções no mercado interno e externo.

Dada a relevância do mercado internacional para os movimentos da agricultura brasileira, este trabalho busca caracterizar a especialização regional, analisando a evolução do comércio exterior da agricultura brasileira, particularizando as da agricultura paulista com o intuito de mostrar as diferenças em termos de especialização entre ela e a das demais Unidades da Federação brasileira, forjando peculiaridades estruturais e territoriais. Para tais análises, será utilizada a base empírica de informações da balança comercial nacional e setorial, sistematizadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), cujos procedimentos metodológicos estão descritos em Vicente et al. (2001).

¹Registrado no CCTC, IE-33/2009.

²Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sueli@iea.sp.gov.br).

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sydy@iea.sp.gov.br).

2 - COMPOSIÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DA AGRICULTURA NO PERÍODO 1997-2008

As importações da agricultura brasileira concentram-se nas compras de bens de capital/insumos (aumento de US\$3,53 bilhões em 1997 para US\$13,37 bilhões em 2008), nos cereais/leguminosas/oleaginosas (de US\$2,36 bilhões para US\$4,29 bilhões), de produtos florestais (de US\$1,82 bilhão para US\$2,81 bilhões), de têxteis (de US\$1,46 bilhão para US\$1,54 bilhão) e de agronegócios especiais (de US\$0,59 bilhão para US\$1,02 bilhão) (Tabela 1). Verifica-se que os dispêndios com bens de capital/insumos avançaram em ritmo superior aos dois demais grupos de mercadorias na medida em que correspondem a produtos cruciais para a modernidade agropecuária.

Os dois principais grupos de produtos importados revelam a dependência externa da agricultura nacional, à medida que no primeiro estão alocados insumos, em especial os químicos para fabricação de fertilizantes e produtos para defesa sanitária, e no segundo as compras de trigo, cereal no qual o abastecimento interno mais depende de importações. O grau de concentração das aquisições externas da agricultura brasileira não apenas já se mostrava elevado como isso se aprofunda no período 1997-2008.

O principal grupo de mercadorias, que representava 27,84% das compras externas em 1997, passou a significar 50,72% em 2008, numa realidade em que se ampliam de forma expressiva as aquisições externas. Quando se analisa a soma dos 3 principais grupos também se verifica crescimento de 60,78% para 77,69%, enquanto considerado o conjunto dos 5 principais também se nota concentração mais elevada saindo de 76,91% para 87,43% comparando os extremos do período 1997-2008 (Tabela 2). Em linhas gerais, o *boom* recente da agropecuária brasileira deu-se com o aumento da dependência externa de insumos estratégicos (GONÇALVES; FERREIRA; SOUZA, 2008) e de trigo para o abastecimento interno, elevando a conta cereais/leguminosas/oleaginosas.

No detalhamento dos principais grupos de mercadorias importadas pela agricultura brasileira destacam-se os bens de capital/insumos, cujos dispêndios de US\$13,37 bilhões em 2008 concentraram-se fundamentalmente em fertilizantes e corretivos com US\$9,41 bilhões, químicos para defesa da agricultura com US\$1,44 bilhão e

maquinaria e peças com US\$2,32 bilhões (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2009). Numa agricultura em que a produtividade do trabalho decorre da mecanização intensa de processos e de práticas agropecuárias insumo-intensivas em especial com maior uso de fertilizantes, esse indicador de importação de fertilizantes, tal como do petróleo que move as máquinas, os caminhões e é matéria-prima também para fertilizantes e agroquímicos, trata-se de um grau de dependência por demais elevado (GONÇALVES, 2007).

Outra conta de importação da agricultura brasileira que se mostra relevante consiste na de cereais/leguminosas/oleaginosas, da qual dos US\$ 4,29 bilhões despendidos com importações em 2008, o montante de US\$2,25 bilhões foi gasto com compras de trigo (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2009). As condições de produção de trigo no Brasil são desvantajosas em relação às encontradas na Argentina e nos Estados Unidos, ficando a produção nacional à mercê de preços internacionais mais elevados que abrem perspectiva de sustentabilidade econômica, uma vez que, no período posterior a 1990, foi desmontado todo aparato de políticas públicas de sustentação. Já no caso dos têxteis, dos US\$1,54 bilhão gasto com importação, US\$0,90 bilhão corresponde a produtos de algodão, dos quais US\$0,83 bilhão de produtos finais (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2009). Trata-se, neste caso, de trocas normais com agroindústrias têxteis de outras nações, que são impulsionadas com câmbio sobrevalorizado. A recente desvalorização da moeda brasileira pode reverter essa situação dando novo fôlego ao trigo nacional se mantida por um prazo mais largo.

Nas importações da agricultura paulista, os cinco principais grupos de produtos foram os bens de capital/insumos (de US\$1,68 bilhão em 1997 para US\$3,01 bilhões em 2008), os produtos florestais (de US\$1,13 bilhão para US\$1,55 bilhão), os cereais/leguminosas/oleaginosas (de US\$0,69 bilhão para US\$1,03 bilhão), os agronegócios especiais (de US\$0,33 bilhão para US\$0,48 bilhão) e têxteis (de US\$0,58 bilhão para US\$0,44 bilhão) (Tabela 3). Da mesma forma que a agricultura brasileira, na paulista as importações concentram-se na aquisição de produtos essenciais para a modernidade produtiva.

O percentual dos bens de capital e insumos no caso paulista, conquanto tenha crescido no período 1997-2008, realizou esse avanço

TABELA 1 - Importações por Grupo de Mercadorias, Brasil, 1997 a 2008
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Bens de capital/insumos	3.532	3.326	2.792	3.103	3.211	2.767	3.342	4.991	4.498	4.730	7.466	13.371
Cereais/leg./oleaginosas	2.360	2.770	1.840	1.871	1.761	1.744	2.161	1.663	1.545	2.006	2.920	4.292
Produtos florestais	1.820	1.776	1.289	1.473	1.214	994	977	1.194	1.340	1.812	2.167	2.818
Têxteis	1.455	1.106	724	666	373	273	327	416	434	739	1.109	1.540
Agronegócios especiais	592	592	471	480	442	450	431	553	562	662	836	1.026
Bovídeos - bovinos	951	930	714	710	445	471	322	311	366	431	539	729
Pescado	448	456	290	301	267	223	213	262	306	453	568	690
Frutas	442	448	337	303	290	221	214	277	364	486	578	668
Olerícolas	479	489	340	289	272	242	218	272	326	369	478	614
Café e estimulantes	126	116	138	102	71	132	145	92	122	142	232	244
Suínos e aves	69	66	54	49	47	52	40	55	65	69	100	151
Cana e sacarídeas	267	73	64	61	102	53	49	54	65	86	97	92
Flores e ornamentais	55	54	41	49	39	36	43	44	57	72	80	77
Fumo	92	78	13	18	25	25	25	20	22	30	42	49
Agricultura	12.689	12.278	9.109	9.473	8.561	7.682	8.508	10.203	10.073	12.086	17.213	26.362

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 2 - Participação dos Principais Grupos de Mercadorias nas Importações da Agricultura, Brasil, São Paulo e demais Unidades da Federação, Período 1997-2008
(em %)

Item	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Importações brasileiras												
Principal	27,84	27,09	30,65	32,76	37,51	36,02	39,28	48,92	44,65	39,14	43,37	50,72
3 principais	60,78	64,11	65	68,06	72,26	71,66	76,16	76,92	73,29	70,73	72,93	77,69
5 principais	76,91	77,94	78,12	80,15	81,78	81,07	85,07	86,42	83,18	82,32	84,23	87,43
Importações paulistas												
Principal	30,07	30,39	32,45	31,29	35,04	31,98	37,22	43,89	39,34	34,04	33,2	38,69
3 principais	62,58	65,89	66,88	67,83	68,53	66,2	72,8	73,61	69,37	67,73	67,43	71,95
5 principais	78,87	79,86	80,11	80,13	79,48	78,15	83,48	84,2	81,25	79,8	79,88	83,83
Importações das outras Unidades da Federação												
Principal	26,07	24,63	29,32	33,76	39,26	38,64	40,5	51,85	47,84	42,26	48,19	55,76
3 principais	59,35	62,79	63,61	68,21	74,9	75,2	78,16	78,85	75,65	72,57	75,53	80,1
5 principais	75,36	76,52	76,65	80,17	83,41	82,97	86,02	87,71	84,34	83,86	86,28	88,93

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

em ritmo menor que o nacional, de 30,07% em 1997 para 38,69% em 2008. Também a soma dos 3 principais produtos em terras paulistas evoluiu à velocidade inferior à brasileira saltando de 62,58% para 71,95% quando se comparam os extremos do período. Como esperado, para o conjunto dos 5 principais grupos de mercadorias, o comportamento se mostra semelhante, sendo no início mais concentrado no caso paulista (78,87%) e no final o indicador estadual (83,83%) se mostra inferior ao brasileiro (87,43%) (Tabela 2). Esse fato mostra um aspecto pouco destacado na análise da agropecuária brasileira, que diz

respeito ao fato de que a expansão das megalaavouras de grãos e fibras nos cerrados deu-se com elevação das importações de bens de capital/insumos, em especial de fertilizantes, como já havia sido pontuado.

Nas importações das demais Unidades da Federação, dentre os cinco principais grupos de mercadorias do período 1997-2008, também a principal posição são dos bens de capital/insumos (de US\$1,85 bilhão para US\$10,36 bilhões), seguidos dos cereais/leguminosas/oleaginosas (de US\$1,67 bilhão para US\$3,26 bilhões), dos produtos florestais (de US\$0,69 bilhão para

TABELA 3 - Importações por Grupo de Mercadorias, São Paulo, 1997 a 2008
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Bens de capital/insumos	1.682	1.592	1.256	1.203	1.245	966	1.178	1.650	1.486	1.564	1.835	3.010
Produtos florestais	1.133	1.087	822	905	721	600	570	680	731	995	1.168	1.556
Cereais/leg./oleaginosas	686	773	511	500	469	434	556	437	403	553	725	1.032
Agronegócios especiais	329	329	280	269	237	244	213	256	269	312	377	483
Têxteis	582	403	232	204	152	117	125	142	180	243	312	441
Pescado	198	206	148	160	152	128	113	147	180	272	333	386
Bovídeos - bovinos	367	339	241	259	160	156	81	75	105	150	209	294
Frutas	209	188	134	120	149	131	119	142	169	205	222	234
Olerícolas	196	172	137	128	139	146	106	124	125	142	170	193
Suínos e aves	25	26	25	21	20	21	19	29	29	34	50	64
Café e estimulantes	70	55	25	18	18	24	33	19	25	33	45	50
Cana e sacarídeas	86	41	38	31	73	34	27	32	37	50	43	27
Flores e ornamentais	26	25	18	23	16	17	21	24	33	38	37	8
Fumo	4	3	2	3	2	2	3	3	4	4	3	1
Agricultura	5.594	5.239	3.871	3.845	3.553	3.021	3.165	3.759	3.777	4.595	5.529	7.780

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

US\$1,26 bilhão), dos têxteis (US\$0,87 bilhão para US\$1,09 bilhão) e dos agronegócios especiais (US\$0,26 bilhão para US\$0,54 bilhão) (Tabela 4). Note-se que a dependência de importações para o abastecimento interno apresenta pauta similar em todo território brasileiro. Entretanto chama a atenção o fato de as aquisições externas de bens de capital/insumo pelas demais Unidades da Federação brasileira mais que quintuplicarem no período 1997-2008, reforçando o argumento de aumento da dependência externa de insumos estratégicos no movimento recente de expansão da agropecuária de grãos e fibras em extensas áreas de cerrado.

No geral, as aquisições externas das agriculturas das demais Unidades da Federação, há maior concentração que no caso paulista, com o principal grupo de mercadorias aumentando sua representatividade de 26,07% em 1997 para 55,76% em 2008, indicador que mais uma vez vem corroborar o argumento de aumento da dependência externa. Esse comportamento contamina a participação dos 3 principais grupos de produtos que nas demais Unidades da Federação cresce de 59,35% para 80,10% no mesmo espaço de tempo, o mesmo ocorrendo quando se consideram os 5 principais grupos de mercadorias (75,36% em 1997 para 88,93% em 2008) (Tabela 2). Esses indicadores mostram que na agricultura brasileira no seu todo, o principal produto da pauta de importações são os bens de capital/insumos, em especial os fertilizantes e

agroquímicos.

A análise das importações, tanto da agricultura brasileira como um todo como da paulista e das demais Unidades da Federação, mostra uma enorme convergência em torno de um padrão de consumo, o que também consiste numa das características inerentes ao padrão da 2ª Revolução Industrial. As diferenças regionais estão associadas à maior ou menor disponibilidade de determinados produtos, mas não configuram diferenças estruturais da ótica do que aqui interessa que é a diferenciação entre agriculturas regionais em relação a São Paulo. A tônica de todos os casos, com maior ou menor intensidade, consiste na aquisição de trigo com o que o grupo de mercadorias de cereais/oleaginosas/leguminosas assume destaque mais expressivo. Da mesma forma, o pescado, mesmo o arroz e os têxteis também surgem nessa pauta de importações.

A diferenciação que interessa para a distinção estrutural entre agriculturas regionais está nos bens de capital e insumos relevantes para a dinâmica produtiva setorial. A maioria das análises para tornar mais robusto o desempenho setorial sequer considera esta conta em que foram gastos, em 2008, nada menos que US\$13,37 bilhões em importações. Como nesse mesmo item, o Brasil exportou US\$3,17 bilhões, há o déficit de US\$10,20 bilhões a contabilizar, o que não é nada desprezível. Mais relevante ainda considerar que nesse grupo há diferenças rele-

TABELA 4 - Importações por Grupo de Mercadorias, Outras Unidades da Federação, 1997 a 2008
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Bens de capital/insumos	1.850	1.734	1.536	1.900	1.966	1.801	2.164	3.341	3.012	3.166	5.631	10.361
Cereais/leg./oleaginosas	1.674	1.997	1.329	1.371	1.292	1.310	1.605	1.226	1.142	1.453	2.195	3.260
Produtos florestais	687	689	467	568	493	394	407	514	609	817	999	1.263
Têxteis	873	703	492	462	221	156	202	274	254	496	797	1.099
Agronegócios especiais	263	263	191	211	205	206	218	297	293	350	459	543
Bovídeos - bovinos	584	591	473	451	285	315	241	236	261	281	331	435
Frutas	233	260	203	183	141	90	95	135	195	281	356	433
Olerícolas	283	317	203	161	133	96	112	148	201	227	308	421
Pescado	250	250	142	141	115	95	100	115	126	181	235	304
Café e estimulantes	56	61	113	84	53	108	112	73	97	109	187	194
Suínos e aves	44	40	29	28	27	31	21	26	36	35	50	87
Flores e ornamentais	29	29	23	26	23	19	22	20	24	34	43	69
Cana e sacarídeas	181	32	26	30	29	19	22	22	28	36	54	65
Fumo	88	75	11	15	23	23	22	17	18	26	39	48
Agricultura	7.095	7.039	5.238	5.628	5.008	4.661	5.343	6.444	6.296	7.491	11.684	18.582

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

vantes entre a agropecuária paulista em relação à das demais Unidades da Federação, uma vez que em São Paulo o déficit se mostra proporcionalmente menor nesse item, com importações de US\$3,01 bilhões, mas com exportações de US\$1,01 bilhão, perfazendo um saldo negativo em US\$2,00 bilhões (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2009).

As principais participações da agricultura paulista nas importações setoriais nacionais estão concentradas nos grupos de mercadorias do pescado (44,20% em 1997 e 55,93% em 2008), dos produtos florestais (62,25% e 55,20%), dos agronegócios especiais (55,57% e 47,05%), dos suínos e aves (36,23% e 42,40%) e bovídeos-bovinos (38,59% para 40,30%). Interessante notar que quando se considera o período 1997-2008, em apenas três grupos há aumento da participação paulista, sendo pescado (+11,73%), suínos e aves (+6,17%), bovídeos - bovinos (+1,71%), todos eles associados às carnes, com compras dos países vizinhos do Cone Sul. Na maioria ocorre queda da representatividade paulista, quais sejam flores e ornamentais (-36,75%), café e estimulantes (-34,97%), bens de capital/ insumos (-25,11%), frutas (-12,17%), têxteis (-11,34%), olerícolas (-9,48%), agronegócios especiais (-8,52%), produtos florestais (-7,05%), cereais/leg./oleaginosas (-5,02%), cana e sacarídeas (-2,70%) e fumo (-1,64%) (Tabela 5), o que enseja um movimento de descentralização.

Essa descentralização das importações conforma-se quando se verifica o período mais curto, como o triênio 2006-2008, quando em apenas dois grupos de produtos há aumento da participação paulista, os bovídeos - bovinos (+5,5%) e os produtos florestais (+0,29%). Nos demais há quedas, muitas delas acentuadas, a saber, flores e ornamentais (-42,26%), cana e sacarídeas (-28,63%), fumo (-10,62%), bens de capital/insumos (-10,56%), frutas (-7,06%), olerícolas (-7,04%), suínos e aves (-6,88%), têxteis (-4,22%), pescado (-4,11%), cereais/leg./oleaginosas (-3,52%), café e estimulantes (-2,65%) e agronegócios especiais (-0,08%) (Tabela 5).

A primeira questão a ser comentada consiste no fato de as megalavouras dos cerrados exigirem elevado uso de fertilizantes e corretivos para que se obtenha elevada produtividade, por serem solos menos férteis. A segunda consiste em que nessa região pratica-se uma agricultura insumo-intensiva, o que por si só já exige volumes substanciais desses agroquímicos. A leitura regional mostra também que se esgotou a capacidade de produção estruturada no II Plano de Desenvolvimento Nacional, localizada no Sul-Sudeste, determinando maiores importações para sustentar as modernas megalavouras dos cerrados. Assim, o repensar das políticas públicas para a agricultura brasileira devem, necessariamente, atentar para esse relevante gargalo estrutural de dependência externa de insumos escassos.

TABELA 5 - Participação Paulista nas Importações da Agricultura Brasileira, por Grupo de Mercadorias, 1997 a 2008

Grupo de mercadorias	(em %)											
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Pescado	44,20	45,18	51,03	53,16	56,93	57,40	53,05	56,11	58,82	60,04	58,62	55,93
Produtos florestais	62,25	61,20	63,77	61,44	59,39	60,36	58,34	56,95	54,55	54,91	53,90	55,20
Agronegócios especiais	55,57	55,57	59,45	56,04	53,62	54,22	49,42	46,29	47,86	47,13	45,06	47,05
Suínos e aves	36,23	39,39	46,30	42,86	42,55	40,38	47,50	52,73	44,62	49,28	49,68	42,40
Bovídeos - bovinos	38,59	36,45	33,75	36,48	35,96	33,12	25,16	24,12	28,69	34,80	38,67	40,30
Frutas	47,29	41,96	39,76	39,60	51,38	59,28	55,61	51,26	46,43	42,18	38,39	35,12
Olerícolas	40,92	35,17	40,29	44,29	51,10	60,33	48,62	45,59	38,34	38,48	35,64	31,44
Cana e sacarídeas	32,21	56,16	59,38	50,82	71,57	64,15	55,10	59,26	56,92	58,14	44,52	29,51
Têxteis	40,00	36,44	32,04	30,63	40,75	42,86	38,23	34,13	41,47	32,88	28,10	28,66
Cereais/leg./oleaginosas	29,07	27,91	27,77	26,72	26,63	24,89	25,73	26,28	26,08	27,57	24,83	24,05
Bens de capital/insumos	47,62	47,87	44,99	38,77	38,77	34,91	35,25	33,06	33,04	33,07	24,58	22,51
Café e estimulantes	55,56	47,41	18,12	17,65	25,35	18,18	22,76	20,65	20,49	23,24	19,40	20,59
Flores e ornamentais	47,27	46,30	43,90	46,94	41,03	47,22	48,84	54,55	57,89	52,78	46,56	10,52
Fumo	4,35	3,85	15,38	16,67	8,00	8,00	12,00	15,00	18,18	13,33	7,70	2,71
Agricultura	44,09	42,67	42,50	40,59	41,50	39,33	37,20	36,84	37,50	38,02	32,12	29,51

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

3 - COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DA AGRICULTURA NO PERÍODO 1997-2008

As exportações da agricultura segundo os principais grupos de mercadorias, para o período 1997-2008, mostram nas cinco primeiras posições a liderança dos cereais/leguminosas/oleaginosas cujas vendas externas cresceram de US\$6,12 bilhões em 1997 para US\$20,73 bilhões em 2008. Em posição seguinte estão os bovídeos - carnes, couro e leite de bovinos e bubalinos - (de US\$2,66 bilhões para US\$10,03 bilhões), os produtos florestais (aumento de US\$ 3,79 bilhões para US\$ 9,61 bilhões), suínos e aves - carne de frango (de US\$1,11 bilhão para US\$ 8,52 bilhões) e cana e sacarídeas - açúcar e álcool - (US\$1,84 bilhões para US\$7,91 bilhões) (Tabela 6). Verifica-se aí a consolidação da liderança dos cereais/leguminosas/oleaginosas, além do avanço da pecuária (bovídeos) e a perda significativa de importância do café, tradicional integrante da pauta das exportações brasileiras e que não figura mais entre os 5 principais grupos de produtos. Da ótica regional, tendo estagnado seu potencial de geração de divisas no triênio 2006-2008, a cana e sacarídeas produzida em São Paulo, que seria o segundo grupo de produtos no cenário nacional em 2006, passa a ocupar a quarta posição em 2008.

Três considerações devem ser realizadas a respeito desses indicadores. A primeira diz

respeito ao aspecto da distribuição regional uma vez que o grupo cana e sacarídeas consiste em produto predominantemente oriundo da agricultura paulista e os preços internacionais tanto do álcool como do açúcar caíram na comparação desses três anos reduzindo o valor das vendas externas, e nos cereais/leguminosas/oleaginosas a produção se dá em outras Unidades da Federação, e principalmente os preços internacionais do milho e da soja tiveram significativo aumento de 2006 para 2008, elevando as receitas cambiais obtidas.

A segunda está no campo da discussão dos biocombustíveis, uma vez que a opção norte-americana para a produção de etanol a partir do milho influenciou decisivamente os preços internacionais não apenas do milho como da soja, uma vez que numa realidade de compras crescentes em especial da China, houve ampliação do plantio de milho em área antes usada para soja na agricultura norte-americana.

A terceira corresponde à discussão do impacto da produção dos biocombustíveis sobre a produção e os preços dos alimentos, uma vez que maiores preços internacionais de milho desde logo tornam mais cara a comida de populações que têm dieta à base de milho como na América Central e também impacta a produção brasileira, em especial de feijão, uma vez que não apenas o milho corresponde à segunda cultura da maioria dos produtores de feijão como também, nesses mesmos espaços, a soja é uma

TABELA 6 - Exportações por Grupo de Mercadorias, Brasil, 1997 a 2008
(US\$milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Cereais/leg./oleaginosas	6.121	4.995	4.035	4.437	6.070	6.482	8.758	11.210	10.046	10.269	13.919	20.732
Bovídeos - bovinos	2.664	2.552	2.648	3.029	3.448	3.546	4.138	5.587	6.364	7.690	9.049	10.029
Produtos florestais	3.789	3.632	4.120	4.655	4.272	4.470	5.698	6.971	7.502	8.191	9.126	9.613
Suínos e aves	1.111	986	1.087	1.103	1.834	1.997	2.526	3.620	4.981	4.554	6.324	8.521
Cana e sacarídeas	1.839	1.990	1.988	1.247	2.386	2.286	2.326	3.163	4.712	7.798	6.605	7.909
Café e estimulantes	3.362	2.856	2.659	1.985	1.630	1.619	1.890	2.402	3.348	3.765	4.302	5.219
Frutas	1.426	1.644	1.660	1.507	1.275	1.527	1.843	1.820	1.961	2.380	3.431	3.288
Bens de capital / insumos	1.093	1.050	728	732	773	853	1.315	1.923	2.097	1.963	2.367	3.173
Fumo	1.665	1.559	961	841	944	1.008	1.090	1.426	1.707	1.752	2.262	2.752
Agronegócios especiais	595	602	644	843	814	806	921	1.096	1.219	1.418	2.006	2.470
Têxteis	1.058	920	826	1.013	1.133	993	1.365	1.703	1.796	1.674	1.912	1.922
Pescado	130	126	141	241	287	346	422	430	407	373	317	277
Olerícolas	101	126	153	131	126	113	112	129	129	146	216	196
Flores e ornamentais	13	14	15	13	15	16	21	27	30	34	40	41
Agricultura	24.964	23.052	21.665	21.779	25.007	26.064	32.427	41.509	46.297	52.006	61.878	76.141

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

lavoura concorrente por terra. Em poucas palavras, no tocante aos biocombustíveis, se configura um exagero prognosticar a falta de alimentos em função da expansão canaveira, conforma-se como uma constatação que a política norte-americana de produção de etanol a partir de milho, num primeiro momento, já impactou negativamente a produção de alimentos e os tornou mais caros.

O principal grupo de mercadorias exportadas pela agricultura brasileira que representava 24,52% das vendas externas, em 1997, passou a significar 27,23% em 2008, numa realidade em que se ampliam de forma expressiva as exportações. Quando se analisa a soma dos 3 principais grupos também se verifica crescimento de 50,37% para 53,02%, enquanto considerado o conjunto dos 5 principais também se nota concentração mais elevada, de 62,19% para 74,60% comparando os extremos do período 1997-2008 (Tabela 7). Em linhas gerais, o *boom* recente da agropecuária brasileira deu-se com o aumento da concentração das exportações em alguns grupos de produtos, notadamente na conta cereais/leguminosas/oleaginosas.

No detalhamento dos principais grupos de mercadorias exportadas pela agricultura brasileira destacam-se os cereais/leguminosas/oleaginosas, cuja geração de divisas alcançou US\$20,73 bilhões em 2008, concentraram-se fundamentalmente em vendas do complexo soja com US\$18,03 bilhões dos quais US\$15,35 bilhões são de grãos e farelos e US\$2,68 bilhões

na forma de gorduras vegetais (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2009). Essa soja produzida notadamente nos cerrados do Brasil Central, numa realidade em que a produtividade do trabalho decorre da mecanização intensa de processos e de práticas agropecuárias insumo-intensivas em especial com maior uso de fertilizantes (GONÇALVES, 2007), esse indicador coloca em questão a sustentabilidade desse processo no médio e longo prazo, notadamente quando se agrega o fato de que também a imensa dívida rural concentra-se nessa realidade.

Na verificação do conteúdo regional das exportações da agricultura, destacando-se São Paulo, observam-se cinco principais grupos de mercadorias: o de cana e sacarídeas (aumento de US\$1,04 bilhão em 1997 para US\$5,23 bilhões em 2008); o de bovídeos (de US\$0,67 bilhão para US\$3,34 bilhões); o de frutas (de US\$1,07 bilhão para US\$ 2,16 bilhões); o de produtos florestais (de US\$1,00 bilhão para US\$ 1,92 bilhão); e o de bens de capital/insumos (de US\$0,52 bilhão para US\$1,01 bilhão). Conquanto todos tenham aumentado, há que se ressaltar que o grupo cana e sacarídeas apresentou redução de 2006 (US\$5,65 bilhões) para US\$4,57 bilhões em 2007 e aumento em 2008 de US\$5,23 bilhões. Nesse conjunto dos cinco principais grupos, a alteração mais significativa de posição foi das frutas - notadamente sucos cítricos - que caiu da primeira para a terceira posição, e dos bovídeos - principalmente carne bovina - que era o

TABELA 7 - Participação dos Principais Grupos de Mercadorias nas Exportações da Agricultura, Brasil, São Paulo e Demais Unidades da Federação, Período 1997-2008 (em %)

Item	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Exportações brasileiras												
Principal	24,52	21,67	18,62	20,37	24,27	24,87	27,01	27,01	21,70	19,75	22,49	27,23
3 principais	50,37	48,49	49,86	55,65	55,14	55,62	57,34	57,26	51,65	50,28	51,87	53,02
5 principais	62,19	61,40	64,06	66,44	72,02	72,06	72,30	73,60	72,59	74,03	72,76	74,60
Exportações paulistas												
Principal	16,32	20,05	22,33	14,59	25,66	24,03	19,88	21,42	27,63	38,31	33,20	38,69
3 principais	43,21	51,73	55,18	50,39	57,15	59,55	57,69	57,58	60,21	67,58	67,43	71,95
5 principais	67,08	75,55	76,96	75,48	77,71	77,99	78,36	76,22	79,11	83,55	79,88	83,83
Exportações das outras unidades da federação												
Principal	29,92	27,27	23,61	24,88	29,78	30,73	33,49	32,94	27,28	25,97	28,51	33,61
3 principais	50,78	48,76	50,78	53,93	57,09	59,17	61,89	62,23	58,47	55,40	57,25	60,08
5 principais	75,99	74,39	77,17	77,08	77,34	78,23	78,66	78,48	77,42	77,23	77,94	79,05

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

quinto produto e atingiu a segunda posição no curso dos últimos onze anos (Tabela 8).

O principal grupo de mercadorias exportadas pela agricultura paulista, que representava 16,32% das vendas externas em 1997, passou a significar 38,69% em 2008, sensível concentração numa realidade em que se ampliam as exportações. Quando se analisa a soma dos 3 principais grupos também se verifica crescimento de 43,31% para 71,95%, enquanto considerado o conjunto dos 5 principais também se nota concentração mais elevada saindo de 67,08% para 83,83%, comparando os extremos do período 1997-2008 (Tabela 7). Em linhas gerais, numa realidade inicial em que as exportações da agricultura paulista eram menos concentradas que as nacionais, no final do período, ocorre o inverso com mais elevada participação dos principais produtos nas vendas externas de São Paulo, no que se destacam a cana e sacarídeos e os bovídeos-bovinos. Essa maior concentração da pauta de exportações da agricultura paulista (de menor amplitude espacial) em relação à brasileira (economia de território continental) configura-se num dos elementos indicadores da especialização regional, enquanto característica definidora do padrão agrário típico da 2ª Revolução Industrial, no qual a busca de ganhos em escala e da redução de custos de produção e de transação conforma a realidade da agricultura como um mosaico de agriculturas territoriais regionais especializadas.

Nas exportações da agricultura das demais Unidades da Federação, no período 1997-

2007, os cinco principais grupos de mercadorias no tocante às exportações setoriais são os cereais/leguminosas/oleaginosas (que cresceram de US\$5,57 bilhões em 1977 para US\$19,85 bilhões em 2008), de suínos e aves (de US\$1,09 bilhão para US\$7,95 bilhões), os produtos florestais (de US\$2,79 bilhões para US\$7,70 bilhões), os bovídeos-bovinos (de US\$2,03 bilhões para US\$6,69 bilhões) e o de café e estimulantes (de US\$2,66 bilhões para US\$4,51 bilhões) (Tabela 9). Trata-se de uma pauta oriunda de regiões de agriculturas territoriais especializadas, como os grãos dos cerrados - embora tenham expressão na agricultura paranaense e gaúcha, os produtos florestais capixabas e baianos, os suínos e aves catarinenses - conquanto sejam relevantes notadamente no Paraná, os bovinos matogrossenses, o café mineiro e capixaba em conjunto com o cacau baiano.

O principal grupo de mercadorias exportadas pela agricultura das outras unidades da federação, que representava 29,92% das vendas externas em 1997, passou a significar 33,61% em 2008. Quando se analisa a soma dos 3 principais grupos também se verifica crescimento de 50,78% para 60,08%, enquanto considerado o conjunto dos 5 principais também se nota concentração mais elevada saindo de 76,00% para 79,05% comparando os extremos do período 1997-2008 (Tabela 7). Em espaços territoriais amplos, como esperado, os níveis de concentração são menores que os observados na agricultura paulista. Trata-se de alto nível de concentração, e por isso revela níveis de especialização das respectivas agriculturas, que

TABELA 8 - Exportações por Grupo de Mercadorias, São Paulo, 1997 a 2008
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Cana e sacarídeas	1.038	1.244	1.386	797	1.590	1.571	1.524	2.150	3.247	5.646	4.567	5.230
Bovídeos - bovinos	636	659	763	883	1.025	1.229	1.613	2.474	2.629	2.749	3.161	3.337
Frutas	1.074	1.307	1.276	1.072	926	1.093	1.286	1.156	1.199	1.565	2.351	2.157
Produtos florestais	1.001	983	987	993	933	863	1.098	1.189	1.412	1.551	1.745	1.917
Bens de capital / insumos	517	495	365	377	341	342	487	683	809	802	775	1.007
Agronegócios especiais	298	273	270	284	301	390	459	542	599	654	820	889
Cereais/leg./oleaginosas	555	401	385	377	468	482	466	844	622	592	705	874
Café e estimulantes	699	432	464	353	245	214	263	400	533	568	602	704
Suínos e aves	18	14	21	25	35	50	95	184	297	226	381	570
Flores e ornamentais	9	9	10	9	10	12	15	19	21	23	27	28
Olerícolas	19	22	26	22	22	20	16	19	17	19	29	20
Pescado	7	8	7	7	9	9	12	15	22	18	13	14
Fumo	162	103	10	5	2	2	3	7	8	3	3	2
Têxteis	326	256	237	258	290	259	329	358	334	321	345	300
Agricultura	6.360	6.205	6.207	5.461	6.196	6.537	7.667	10.039	11.750	14.738	15.523	17.049

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 9 - Exportações por Grupo de Mercadorias, Outras Unidades da Federação, 1997 a 2008
(US\$ milhão FOB)

Grupo de mercadorias	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Cereais/leg./oleaginosas	5.566	4.594	3.650	4.060	5.602	6.000	8.292	10.366	9.424	9.677	13.214	19.858
Suínos e aves	1.093	972	1.066	1.078	1.799	1.947	2.431	3.436	4.684	4.328	5.943	7.951
Produtos florestais	2.788	2.649	3.133	3.662	3.339	3.607	4.600	5.782	6.090	6.640	7.381	7.696
Bovídeos - bovinos	2.028	1.893	1.885	2.146	2.423	2.317	2.525	3.113	3.735	4.941	5.888	6.692
Café e estimulantes	2.663	2.424	2.195	1.632	1.385	1.405	1.627	2.002	2.815	3.197	3.700	4.515
Fumo	1.503	1.456	951	836	942	1.006	1.087	1.419	1.699	1.749	2.260	2.750
Cana e sacarídeas	801	746	602	450	796	715	802	1.013	1.465	2.152	2.038	2.679
Bens de capital / insumos	576	555	363	355	432	511	828	1.240	1.288	1.161	1.592	2.165
Têxteis	732	664	589	755	843	734	1.036	1.345	1.462	1.353	1.567	1.622
Agronegócios especiais	297	329	374	559	513	416	462	554	620	764	1.186	1.581
Frutas	352	337	384	435	349	434	557	664	762	815	1.080	1.131
Pescado	123	118	134	234	278	337	410	415	385	355	304	263
Olerícolas	82	104	127	109	104	93	96	110	112	127	187	175
Flores e ornamentais	4	5	5	4	5	4	6	8	9	11	14	13
Agricultura	18.604	16.847	15.458	16.318	18.811	19.527	24.760	31.470	34.547	37.268	46.354	59.091

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

em 1997 eram maiores que os da agricultura paulista mas menos elevados no último ano. Isso configura uma realidade regional que já foi desenhada na sua origem enquanto agricultura especializada e que essa especialização ganhou dimensões nacionais, em especial com a cana e a pecuária paulista.

As principais participações da agricultura paulista nas exportações setoriais nacionais estão concentradas nos grupos de mercadorias de flores e plantas ornamentais (de 69,23% em 1997 para 67,57% em 2008), de cana e sacarí-

deas (56,44% para 66,12%), na de frutas (75,32% e 65,60%), nos agronegócios especiais (50,08% e 36,01%) e nos bovídeos (23,87% e 33,27%). No período 1997-2008 em apenas 3 grupos de produtos há aumento da participação paulista, quais sejam: suínos e aves (+1,73%), produtos florestais (+1,00%) e pescado (+0,20%). Nos 11 restantes grupos de mercadorias há queda, como nos agronegócios especiais (-10,11%), bens de capital/ insumos (-9,11%), cana e sacarídeas (-6,28%), têxteis (-3,58%), olerícolas (-2,59%), bovídeos - bovinos (-2,48%), café e estimulantes

(-1,60%), cereais/leguminosas/oleaginosas (-1,54%), frutas (-0,16%), fumo (-0,09%) e flores e ornamentais (-0,08%) (Tabela 10).

Interessante destacar que a agricultura brasileira internalizou o núcleo endógeno produtor de bens de capital, com o que passou a ter capacidade de resposta a impulsos expansivos - ainda que à custa de expansão da fronteira. O Brasil é exportador de bens de capital, uma vez que da conta do grupo de mercadorias de bens de capital/insumos acima analisado e que em 2008 atingiu US\$3,17 bilhões em exportações, o montante de US\$2,37 bilhões corresponde a maquinaria e peças. Dessa soma, a agricultura paulista contribuiu com US\$1,01 bilhão, dos quais US\$0,77 bilhão refere-se à maquinaria e peças (GONÇALVES; VICENTE; SOUZA, 2009). Noutras palavras, o fundamental do padrão agrário inerente à 2ª Revolução Industrial está internalizado nas agriculturas paulista e brasileira.

Outro indicador relevante para diferenciar as exportações da agricultura paulista da brasileira quanto ao perfil de agregação de valor diz respeito à participação distinta entre as carnes processadas e não processadas nas vendas externas. No recente episódio de detecção de foco de febre aftosa em Mato Grosso do Sul, o qual por razões de fronteira direta e de pecuárias lindeiras da mesma Bacia do Rio Paraná levou ao embargo da carne paulista, há uma distinção fundamental entre a carne processada que não foi embargada e a carne não processada que sofreu essa restrição. Enquanto na carne não processada a participação paulista recuou de 68,4% em 2004 para apenas 39,9% em 2006, na carne bovina processada, o percentual apresentou ligeira elevação, de 71,7% em 2004 para 72,6% em 2006 (GONÇALVES; GHOBRI, 2007).

Isso revela mais uma face diferenciadora entre uma agricultura agroindustrial-exportadora como a paulista e outra primário-exportadora praticada no restante do Brasil. O desempenho exportador da agricultura, verificado da ótica dos grupos de mercadorias cotejados com o recorte regional, configura uma realidade de desconcentração produtiva com a perda progressiva da participação paulista em determinados segmentos ao mesmo tempo em que se consolida a liderança estadual em outros.

Numa leitura estrutural desse processo há que se destacar que nas agroindústrias com elevada integração vertical como a da cana e da

laranja, firma-se a liderança paulista, uma vez que a redução da participação estadual no grupo de frutas está associada à maior proporção da venda de frutas frescas como a maçã catarinense, mamão capixaba, uva nordestina e banana potiguar. Nesse sentido, a especialização regional como marca do padrão agrário da 2ª Revolução Industrial, não apenas conforma agropecuária territorial especializada em cada região, como induz ao deslocamento da agroindústria processadora produtora de bens intermediários.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A especialização produtiva conforma especificidades fundamentais para a compreensão da dinâmica da agricultura brasileira na medida em que identifica agriculturas regionais com peculiaridades próprias face ao grupo de mercadorias predominante. Tomando os grupos mais relevantes em cada realidade analisada tem-se cana e sacarídeos dominando as exportações paulistas, em função da produção e venda externa de açúcar e álcool. Nas demais Unidades da Federação, o grupo de mercadorias predominante consiste nos cereais/oleaginosas/leguminosas no que se destaca a soja e o milho.

Uma questão relevante são as “crises”, quando ocorrem, se dão em espaços regionais diferentes dentro da agropecuária brasileira, uma nas demais Unidades da Federação, com destaque para os cerrados, e a outra em território paulista. Mais que isso, na verdade os perfis empresariais e estruturais das agriculturas envolvidas são muito distintos dado que enquanto nos grãos e fibras a predominância é de produtores rurais que dão vazão às suas teses, nos movimentos “ruralistas”, na cana pela elevada proporção da cana própria das usinas se tem empresários agroindustriais cuja representação se dá nas federações e confederações das industriais.

De outra ótica, nos grãos e fibras a relação predominante é entre o capital agrário com o capital comercial, ainda que estejam presentes interesses das agroindústrias de bens de capital e insumos para agricultura que financiou as safras mediante os vários mecanismos de venda antecipada. Já na cana o capital predominante consiste no capital industrial na sua estreita relação com o capital financeiro. Em síntese, dadas as especificidades encontradas apenas quando se comparam os dois grupos de produtos mais

TABELA 10 - Participação Paulista nas Exportações da Agricultura Brasileira, por Grupo de Mercadorias, 1997 a 2008

Grupo de mercadorias	(em %)											
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Flores e ornamentais	69,23	64,29	66,67	69,23	66,67	75,00	71,43	70,37	70,00	67,65	66,62	67,57
Cana e sacarídeas	56,44	62,51	69,72	63,91	66,64	68,72	65,52	67,97	68,91	72,40	69,14	66,12
Frutas	75,32	79,50	76,87	71,13	72,63	71,58	69,78	63,52	61,14	65,76	68,52	65,60
Agronegócios especiais	50,08	45,35	41,93	33,69	36,98	48,39	49,84	49,45	49,14	46,12	40,87	36,01
Bovídeos - bovinos	23,87	25,82	28,81	29,15	29,73	34,66	38,98	44,28	41,31	35,75	34,93	33,27
Bens de capital / insumos	47,30	47,14	50,14	51,50	44,11	40,09	37,03	35,52	38,58	40,86	32,76	31,75
Produtos florestais	26,42	27,06	23,96	21,33	21,84	19,31	19,27	17,06	18,82	18,94	19,12	19,94
Têxteis	30,81	27,83	28,69	25,47	25,60	26,08	24,10	21,02	18,60	19,18	18,03	15,60
Café e estimulantes	20,79	15,13	17,45	17,78	15,03	13,22	13,92	16,65	15,92	15,09	13,99	13,49
Olerícolas	18,81	17,46	16,99	16,79	17,46	17,70	14,29	14,73	13,18	13,01	13,32	10,42
Suínos e aves	1,62	1,42	1,93	2,27	1,91	2,50	3,76	5,08	5,96	4,96	6,02	6,69
Pescado	5,38	6,35	4,96	2,90	3,14	2,60	2,84	3,49	5,41	4,83	4,07	5,03
Cereais/leg./oleaginosas	9,07	8,03	9,54	8,50	7,71	7,44	5,32	7,53	6,19	5,76	5,06	4,22
Fumo	9,73	6,61	1,04	0,59	0,21	0,20	0,28	0,49	0,47	0,17	0,11	0,08
Agricultura	25,48	26,92	28,65	25,07	24,78	25,08	23,64	24,19	25,38	28,34	33,49	28,85

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados básicos da SECEX/MDIC.

importantes das exportações das agriculturas das demais Unidades da Federação e da paulista, o que se demonstra é que não há apenas uma única agropecuária brasileira, dada a imensa distância estrutural entre as várias situações encontráveis nas agropecuárias regionais especializadas.

Já a análise das importações da agricultura brasileira revela a generalização do padrão de consumo inerente à 2ª Revolução Industrial na economia brasileira. Isso se faz sentir tanto no consumo da agropecuária, à medida que se ampliam as compras externas de bens de capital e insumos para fazer frente à expansão da área agropecuária, como no próprio abastecimento em que emergem as necessidades principalmente da entrada de trigo de outras nações para atender à demanda dos consumidores. Dois produtos são bem emblemáticos da dependência de importações da agricultura brasileira: os fertilizantes e o trigo. Na ótica do consumo produtivo surgem os fertilizantes sem o que os ganhos de produtividade da terra, em especial dos solos de cerrados, não se concretizariam.

Assim, ao mesmo tempo em que se ampliam as lavouras de grãos e fibras no padrão insumo-intensivo, amplificam-se as necessidades de compras externas elevando o grau de dependência setorial de produto que aqui não se tem capacidade produtiva instalada, e não se pode obtê-la no curto prazo, para suprir a demanda. Da

ótica do consumo humano, o caso mais relevante consiste no trigo que move uma ampla agroindústria de panificação, confeitaria e massas alimentícias. Nesse ponto, há que se ter nítido que as tentativas de obtenção de produção nacional estável de trigo, em patamar ao menos próximo do consumido, não resistiu ao desmonte dos estímulos da política de substituição de importações executadas nos anos 1970 e 1980 com esse intuito. Também se mostraram infrutíferas as diversas tentativas de generalizar o consumo de farinhas mistas, substituindo parte do trigo importado por produtos aqui produzidos como a mandioca.

Em síntese, mais uma vez a força da convergência do padrão de consumo se fez poderosa e avassaladora. Quando se avaliam as importações da agricultura paulista em relação às demais Unidades da Federação brasileira, para os produtos de consumo humano como trigo e outras mercadorias, dada a similaridade do padrão de consumo, não se verificam diferenças expressivas. Entretanto, dadas as bases estruturais das respectivas agropecuárias, a distinção estrutural entre agriculturas regionais está nos bens de capital e insumos relevantes para a dinâmica produtiva setorial. Nas demais Unidades da Federação, a parcela expressiva das compras externas setoriais foi com fertilizantes e corretivos, sendo que em São Paulo a proporcionalidade se mostra muito menor.

Isso leva a duas considerações relevantes: a) as megalavouras, em especial dos cerrados, respondem por parcela expressiva dessas importações dado o elevado uso de fertilizantes e corretivos para que se obtenham altas produtividades, por serem solos menos férteis; b) a capacidade de produção estruturada desses

bens de capital e insumos, construída no II Plano de Desenvolvimento Nacional, está localizada no Sul-Sudeste e não vem sendo ampliada no ritmo da expansão agropecuária, determinando maiores importações para sustentar as modernas megalavouras dos cerrados.

LITERATURA CITADA

CANO, W. A industrialização e o desenvolvimento do capitalismo retardatário no Brasil (1880-1980) In: _____. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**. Campinas (SP): Hucitec, 1993. p.15-21.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Nacional, 1989. 291 p.

GONÇALVES, J. S. Dinâmica da agropecuária paulista no contexto das transformações da sua agricultura. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 12, p. 65-98, dez. 2005a.

_____. Agricultura sob a égide do capital financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agonegócios. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 7-36, abr. 2005b.

_____. Crescimento do produto e conteúdo da produtividade na agropecuária brasileira do período 1975-2003. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 37, n. 8, p. 30-40, ago. 2007.

_____; FERREIRA, C. R. R. P. T.; SOUZA, S. A. M. Produção nacional de fertilizantes, processo de desconcentração regional e maior dependência externa. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 38, n. 8, p. 79-91, ago. 2008.

_____; GHOBRI, C. N. Febre aftosa em estados vizinhos: sp perde nas exportações por falha alheia. IEA- APTA. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 2, n. 3, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso: 2009.

_____; VICENTE, J. R.; SOUZA, S. A. M. **Balança comercial dos agonegócios paulista e brasileiro no ano de 2009**. São Paulo: APTA/IEA, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: 2009.

_____ et al. Composição de culturas e ocupação do espaço na agropecuária paulista de 1969-1971 a 2002-2004. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza (CE). **Anais...** Fortaleza: SOBER. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: 2009.

OJIMA, A. L. R. de O.; GONÇALVES, J. S. Avaliação do desempenho do valor da produção da agropecuária paulista, período 1995-2004. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 36, n. 7, p. 62-75, jul. 2006.

PASTORE, J. et al. Condicionantes da produtividade da pesquisa agrícola no Brasil. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 147-181, mar. 1986.

STADUTO, J. A. R.; SHIKIDA, P. F. A.; BACHA, C. J. C. Alteração na composição da mão-de-obra assalariada na agropecuária brasileira. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 57-70, 2004.

VICENTE, J. R. et al. **Sistema de Importações e Exportações dos Agonegócios (Sistema IEA): conceituação e análise dos resultados, 1997-2001**. São Paulo: APTA/SAA, 2001. 356 p. (Série Ação APTA, n. 5).

COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA AGRICULTURA PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2008

RESUMO: Este trabalho, com base nas exportações, mostra a especialização regional como um dos elementos determinantes das diferenças estruturais existentes entre a agricultura paulista e a das demais Unidades da Federação brasileira. Da ótica das importações, revela-se a irradiação em todo território nacional do padrão inerente à 2ª Revolução Industrial. Nas vendas externas, enquanto São Paulo tem como principal grupo de mercadorias exportadas os produzidos na agroindústria sucroalcooleira, nas demais Unidades da Federação prevalecem os grãos e fibras, com destaque para a soja. Nas aquisições no interior, se não há expressiva diferenciação regional pela generalização do padrão de consumo, que exige importações crescentes de trigo e mesmo de arroz, e irradiação do padrão produtivo exigindo maiores compras de fertilizantes no exterior.

Palavras-chaves: exportações, importações, agricultura territorial, especialização regional.

BRAZIL AND SAO PAULO STATE AGRICULTURAL TRADE OVER 1997-2008

ABSTRACT: Based on export data, this work shows regional specialization as one of the main sources of structural differences between São Paulo's agricultural share and contributions by other states. An analysis of imports indicates that the production-consumption development pattern brought about by the Second Industrial Revolution has held throughout the national territory. Concerning external sales, whereas Sao Paulo mainly exports products from the sugar and alcohol industry, other states export grains (mainly soybeans) and fibers. With regard to purchases abroad, the absence of significant regional differentiation due to generalization in consumption is associated with growing wheat and rice imports. The dissemination of this production pattern requires more purchases of fertilizers abroad.

Key-words: exports, imports, territorial agriculture, regional specialization.

Recebido em 06/04/2009. Liberado para publicação em 16/04/2009.